



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

O uso do estudo de caso nas pesquisas de turismo e hospitalidade¹

Ada de Freitas Maneti Dencker²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

O uso dos estudos de caso no campo das ciências sociais aplicadas vem se intensificando especialmente no caso de pesquisas realizadas para a elaboração de dissertações de mestrado. Não existe consenso entre os autores que tratam de metodologia da pesquisa sobre as características desse tipo de abordagem metodológica. O texto reflete sobre o uso dos estudos de caso no Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, procurando definir, com base em Alves Mazzotti; Goode & Hatt, Yin, Stake e Selltiz, aspectos importantes que devem ser observados no uso dessa metodologia. Destaca a importância da teoria e do protocolo, refletindo sobre as possibilidades de generalização e de construção teórica na abordagem por estudo de caso.

Palavras-Chave: Turismo; Hospitalidade; Metodologia científica; Estudo de caso.

O estudo de caso e sua aplicação no turismo³

Introdução

Esse artigo se refere ao uso dos estudos de caso na área de turismo, frequentemente usado no desenvolvimento das pesquisas de mestrado, causando estranhamento nas bancas de avaliação em função da discordância existente sobre essa conduta de pesquisa. Sem esperar que haja um consenso acredita-se poder contribuir para esclarecer alguns questionamentos que inquietam mestrandos e orientadores no processo de orientação.

Quando pensamos em pesquisa e informação sobre turismo não raro achamos que as estatísticas constituem a única forma científica válida, capaz de fornecer um conhecimento

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Docente de metodologia da pesquisa e metodologia do planejamento em cursos de graduação e pós-graduação em Turismo. Consultoria e prestação de serviços em ensino pesquisa e planejamento. Professora do Programa de Mestrado em Hospitalidade e do curso de Graduação em Turismo da Universidade Anhembi Morumbi. adadencker@anhembi.br

³ Agradeço a colaboração e as contribuições da Dra. Maria do Rosário R. Salles, com quem divido a disciplina de “Fundamentos epistemológicos da pesquisa científica em turismo”, no Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.



preciso sobre a realidade. Cálculos e números, tabelas e gráficos se associam à imagem que temos de ciência em decorrência da forte influência do paradigma positivista na construção do conhecimento científico que nos leva a explicar os fatos em termos quantitativos. Embora isso não signifique que não existam estudos qualitativos percebe-se que a eles não se atribui a mesma importância que é dada aos estudos quantitativos. A estes é associada a idéia de que a verdade se expressa em termos de probabilidades e que a estatística nos permitiria generalizar os conhecimentos obtidos, dentro de margens conhecidas e aceitáveis de erro, o que não seria possível nas pesquisas qualitativas.

Teoria e quantificação

Partimos do pressuposto de que a construção epistemológica decorre necessariamente da observação em profundidade de determinados casos. Essa observação nos permite identificar sinais ou marcas que possuem significados e a partir dos quais podemos formular prognósticos. Existe uma incerteza nesses sinais que decorre de sua essência qualitativa e que procuramos contornar medindo a frequência com que se manifestam. A existência de um sinal em maior frequência torna provável a ocorrência de alguma coisa, o que faz com que haja uma aproximação do conhecimento da evidência com a estatística afastando-se da questão epistemológica. Quando isso ocorre, o pesquisador volta sua atenção para a mensuração da frequência dos sinais, como se a quantificação fosse mais importante do que o entendimento do significado. Esse foco na medição e na quantificação das frequências com que ocorrem os sinais acaba caminhando na contramão da construção de teorias explicativas que ajudem a entender os fenômenos.

As explicações teóricas são desenvolvidas com base na interpretação e no estabelecimento de relações entre variáveis. Trata-se de inferir uma relação entre sinais o que é um dado de natureza qualitativa e não quantitativa. A construção de novas teorias explicativas depende do estabelecimento dessas relações. A *teoria* consiste no estabelecimento de uma relação entre variáveis que *não pode ser observada empiricamente*, e se constitui, portanto em uma hipótese explicativa. A *estatística*, por seu lado, se dedica a mensuração da probabilidade de ocorrência das coisas e serve, portanto, para *testar a possibilidade de ocorrência das hipóteses em termos de probabilidade* mas não de certeza, como alguns parecem supor. O fato de ser possível calcular a possibilidade de ocorrência de um determinado sinal, dentro de um intervalo de confiança conhecido, com margens pré-determinadas de erro, não assegura a sua



ocorrência, nem explica a complexidade de suas relações. Dessa forma, se constituíram correntes que se caracterizaram pela defesa ou contestação do chamado “empirismo”.

Quando iniciamos uma pesquisa quantitativa partimos de uma teoria explicativa, ou de pressupostos, para definir as variáveis que vamos mensurar, tratando-se assim de um raciocínio hipotético dedutivo que nos leva a formular hipóteses, submetê-las a testes em grupos amostrais definidos, pretendendo generalizar as observações para o conjunto de uma população. Com esse procedimento o que se pretende medir de fato é a regularidade com que os fenômenos ocorrem. Acontece que de posse desse conhecimento - sobre a regularidade dos fenômenos - é comum que se tenha a sensação de que é possível controlar a realidade ou mesmo os fenômenos que, na realidade são incertos no campo das ciências sociais e das ciências sociais aplicadas.. A consequência é que freqüentemente se passa a considerar como conhecimento o que é de fato apenas uma suposição.

Exemplificando: as estatísticas que medem a chegada de turistas em um determinado país nos dão a dimensão da freqüência da visitação em um determinado momento, mas não nos garantem que essa freqüência vai continuar ocorrendo, pois inúmeras variáveis podem interferir nesse processo. Mesmo as projeções calculadas com base na medição de freqüência de eventos passados não se expressam como certeza e sim como probabilidades.

Embora a mensuração seja fundamental para nos fornecer uma idéia do conjunto e sua situação - a partir de variáveis que definimos para medição - ela não permite fazer, nas ciências sociais, previsões em termos de certeza.

A pesquisa qualitativa - uma quebra de paradigma.

A pesquisa qualitativa que se volta para a construção de explicações e interpretações vem ganhando terreno, sobretudo a partir da década de 1970 na área acadêmica, o estudo de caso ou o método de estudo de caso, se constituindo um dos recursos mais utilizados pelos pesquisadores dentro das ciências sociais.

É importante assinalar que existe uma discordância entre os atores que tratam de metodologia sobre a definição desse tipo de método. Para alguns autores o estudo de caso se enquadra nos estudos de natureza *exploratória*, que buscam conhecer melhor os fenômenos investigados. Para outros o estudo de caso é considerado como uma metodologia *qualitativa* enquanto outros classificam esses estudos como *descritivo*.



Na verdade essas discordâncias ocorrem quando se pretende classificar o estudo de caso como um método único cuja abordagem obedece a regras determinadas e bem definidas o que não corresponde à realidade.

Um olhar mais atento sobre os estudos denominados como estudo de caso nos permite dizer que é possível que o estudo de caso seja utilizado de diferentes formas podendo ser *exploratório*, *descritivo* ou mesmo *conclusivo* dependendo da forma como é delineada a pesquisa.

Por ser uma *metodologia voltada para a busca de explicações*, o estudo de caso pode levar à contestação da teoria uma vez que, o entendimento em profundidade das especificidades de um único caso, é suficiente para negar a possibilidade de generalização da teoria caso ela não possa ser confirmada no caso estudado. Trata-se, por exemplo, do Cisne Negro de Popper que afirma que basta um único cisne negro para negar a hipótese de que todos os cisnes são brancos.

Todo o conhecimento teórico passa por uma análise de determinados casos a partir dos quais são estabelecidas as relações que fundamentam as teorias. Também no turismo e na hospitalidade a construção teórica deve necessariamente passar por estudos de caso em profundidade. Esses estudos permitem entender as relações que se estabelecem entre as variáveis gerando um conhecimento, *inicialmente de natureza exploratória*, que permitirá o desenvolvimento *de estudos de caso mais estruturados e de caráter descritivos*, para posteriormente se chegar a *estudos de caso de natureza conclusiva* que irão gerar explicações possibilitando a formulação de teorias. São as teorias explicativas que permitem a interpretação dos dados dentro de determinados quadros de relação entre variáveis.

Ao contrário do que frequentemente se pensa o estudo de caso não é empregado apenas por que não há possibilidade de se fazer a pesquisa quantitativa, mesmo porque muitos estudos de caso empregam técnicas de quantificação. Na realidade trata-se de uma metodologia que permite verificar até que ponto uma teoria permite sua aplicação na prática. Se a teoria é aplicada sucessivamente com resultados satisfatórios ela tende a se afirmar, é o conhecimento tautológico que se afirma pela repetição do acontecimento. O estudo de caso em profundidade é fundamental para a verificação e estabelecimento de parâmetros científicos aceitáveis, pois submete à prova os conceitos teóricos. Assim a realização de diferentes estudos de caso em uma mesma área poderá levar a resultados conclusivos por meio da comparação dos



resultados. Assim, como explica a Professora Maria do Rosário R. Salles⁴, o estudo de caso apresenta-se como uma possibilidade metodológica enriquecedora a respeito não apenas do caso estudado mas de um tema a ser estudado ou uma teoria a ser confrontada com a realidade, não se constituindo portanto, como um recurso reducionista ou “menor” por parte do pesquisador.

É um método ou recurso metodológico bastante complexo que pode se caracterizar pelo estudo de um *único caso* (um indivíduo, um grupo, uma instituição, etc) como de *casos múltiplos* quando se trata, por exemplo, de comparar um mesmo fenômeno em outro contexto.

Para acompanhamento da complexidade da discussão, veja-se, por exemplo o trabalho de Alves- Mazzotti, 2006, em que a autora vai se apoiar em dois autores clássicos na caracterização do estudo de caso, como Stake (2000) e Yin (1989) nesse caso, distinguindo segundo o primeiro autor, três tipos de estudo de caso segundo suas finalidades: o intrínseco, o instrumental e o coletivo. Para efeito da discussão empreendida nesse artigo basta lembrar que o que foi dito anteriormente sobre a relação teoria e pesquisa coincide com o conceito de *estudo de caso instrumental*, uma vez que esse método permite ao pesquisador indicar de que maneira suas preocupações teóricas “relacionados ao tema focalizado se apresentam no caso estudado”. .. “O pesquisador busca apreender o suficiente sobre o caso estudado, de modo a expressar significados complexos em uma narrativa suficientemente descritiva, para que os leitores possam experienciar a situação e chegar a conclusões mesmo que essas sejam diferentes das do pesquisador)” (p.647)

Com sua própria história, única, o caso é uma entidade complexa operando dentro de vários contextos – físico, econômico, ético, estéticos e outros. O caso é singular, mantém subunidades, diferentes grupos, etc... A composição holística do caso exige exame dessas complexidades” (ALVES-MAZZOTTI, 2006, P.647)

Os estudos exploratórios de caso

Outra idéia freqüente entre pesquisadores é a de que os estudos exploratórios são indicados apenas para formular problemas e hipóteses, sendo uma espécie de primeira etapa da pesquisa. Embora isso seja verdadeiro não se pode esquecer que os estudos exploratórios não podem ser reduzidos a essa função, pois seu alcance atende a outros objetivos como:

⁴ A Professora Maria do Rosário R. Salles contribuiu com a leitura e sugestões do presente texto, tendo redigido a reflexão que apresentamos ao final desse tópico.



Aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar em estudo posterior, mais estruturado, ou da situação em que pretende realizar tal estudo; o esclarecimento de conceitos; o estabelecimento de prioridades para futuras pesquisas; a obtenção de informações sobre possibilidades práticas de realização de pesquisas em situação de vida real; apresentação de um recenseamento de problemas considerados urgentes por pessoas que trabalham em determinado campo de relações sociais (SELLTIZ et all, Metodologia de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU /USP, 1975, p.60).

Os estudos de caso de natureza exploratória se referem ao estudo intensivo de exemplos selecionados do fenômeno em que estamos interessados envolvendo situações, grupos, indivíduos ou comunidades, com o emprego de diferentes métodos de abordagem como análise de documentos, entrevistas ou observação participante. O estudo de caso não se restringe, portanto, ao estudo de registro mantido por instituições ou por indivíduos, como freqüentemente acontece. Sua principal característica é a atitude de busca, de compreensão e não de verificação. (SELLTIZ et all, 1975, p.70).

Os estudos de caso de natureza exploratória possuem características que são fundamentais para o avanço epistemológico das ciências sociais aplicadas como é o caso dos estudos que envolvem as relações entre as pessoas que acontecem quando da ocorrência da atividade turística em uma dada localidade. As características ressaltadas por Selltz, 1975, para que essa contribuição ao avanço da ciência ocorra são: a *atitude de busca do pesquisador* que se orienta pelas características do objeto estudado, não se atendo apenas a verificação ou medição, adaptando-se conforme o fluxo das informações recebidas; a *intensidade do estudo* seja ele do indivíduo, do grupo, da comunidade, da situação, que deve procurar analisar o que é próprio do caso estudado bem como o que o diferencia dos demais casos existentes; e a *capacidade integradora do pesquisador* que se manifesta ao reunir de forma integrada as diferentes informações obtidas gerando explicações.

O importante nessa forma de abordagem é que ela permite novas intuições, sendo bastante produtiva mesmo quando o número de casos analisados é baixo. Ainda que não seja possível a verificação ou a demonstração - por meio do estudo de caso - em relação a uma determinada população, seu emprego é fundamental para o entendimento das relações entre as variáveis. Ao construir uma relação o pesquisador deverá, em um segundo momento, tentar formular um conceito teórico que permita, de alguma forma, dar sentido às observações quantitativas que vierem a ser realizadas posteriormente. É fundamental que teoria e pesquisa empírica



caminhem na mesma direção para que se construa um conjunto coerente de conhecimentos que possibilite também a verificação e a demonstração, saindo do campo das intuições.

O método de estudo de caso

Existem dúvidas se é possível definir o estudo de caso como sendo um método ou se essa seria de fato uma forma de abordagem dos problemas. Na realidade no estudo de caso são utilizados vários métodos o que justificaria a definição do estudo de caso como sendo uma forma de abordagem ou uma estratégia de pesquisa, caracterizada pela interpretação dos fenômenos dentro dos contextos nos quais se manifestam. Não seria assim uma técnica específica e sim um meio de organizar os dados preservando o caráter unitário do objeto social estudado. (GOODE & HATT, 1969)

Uma das características do estudo de caso é justamente o uso de uma multiplicidade de procedimentos possíveis e o emprego de várias técnicas. Assim não existe um roteiro definido do que deve ser um estudo de caso, nem de que técnicas devem ser adotadas em cada caso.

No turismo existem inúmeras pesquisas que se autodenominam estudo de caso. Consistem em registro de observações de determinados fenômenos efetuadas em seu ambiente natural, como são os casos de muitos estudos que focam os impactos ambientais, outros são estudos que examinam o comportamento de determinados grupos, outros ainda analisam em profundidade as relações entre as diferentes instituições em uma dada comunidade. Cada um desses estudos é desenvolvido de maneira diferente pelo pesquisador embora em princípio todos sejam estudos de caso, mantendo como característica principal a investigação intensiva de uma dada situação, observada sem intervenção em seu contexto habitual, por diversos meios, de modo a perceber o fenômeno em sua complexidade.

Existe consenso de que o estudo de caso se caracteriza por ser uma investigação intensiva de uma determinada situação procurando caracteriza-la e descreve-la. Trata-se de um procedimento válido para avaliar a pertinência de determinadas teorias, onde por um raciocínio hipotético dedutivo, o pesquisador procura na realidade empírica elementos que reforcem ou evidenciem proposições teóricas. Ainda que os resultados nesses casos não sejam passíveis de generalização a repetição de estudos similares poderá vir a dar sustentação ao referencial teórico utilizado ou colocar em dúvida determinados conceitos.

Uma definição mais técnica do estudo de caso é a apresentada por YIN (1989, p. 23)⁵

⁵ YIN, Robert K. - Case Study Research - Design and Methods. Sage Publications Inc., USA, 1989.



... o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

Para o autor essa definição permite distinguir o estudo de caso de outras abordagens similares como o método histórico e a entrevista em profundidade, o método experimental e o survey, afirmando que o método de estudo de caso é adequado para responder às questões de “como” e “porque”, que se manifestam no momento da pesquisa, sendo assim de natureza explicativa. Na opinião do autor esse é o procedimento adequado para fenômenos que não podem ser explicados fora do contexto no qual ocorrem.

As limitações apontadas para o estudo de caso são:

- a *postura do pesquisador*: o conhecimento em profundidade de um caso o leva a pensar que ninguém entende a questão como ele, extrapolando assim na elaboração de conclusões e generalizações, o que não pode ser feito, pois o critério de escolha do caso não segue procedimentos amostrais. Na realidade os estudos de caso dependem do poder de integração do pesquisador que não precisa necessariamente definir com antecedência quais as variáveis dependentes e independentes que serão observadas, o que torna mais necessário que se esteja atento a possíveis vieses de interpretação.
- a *extensão do trabalho* e a *dificuldade de leitura* que acarreta em virtude do volume de informações que ocorre em detrimento da sistematização que é própria das pesquisas quantitativas. Essa crítica não invalida, entretanto a opção pelo estudo de caso, pois é possível contornar os problemas por meio de um plano bem estruturado de pesquisa e pela escolha racional de um caso que seja significativo em relação ao universo que está sendo estudado. O importante é que se tenha claro que qualquer generalização deve ser feita em termos teóricos e não em relação a população.

Casos de estudo de caso no turismo

Sem querer generalizar registro aqui observações decorrentes da experiência na orientação de dissertações no mestrado em hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, na qual o estudo de caso tem sido usado de forma bastante freqüente.



A aproximação da teoria com a realidade empírica e o exame em profundidade de modelos propostos frente a realidades específicas tem sido uma das principais contribuições desse procedimento na construção de conhecimento na área de hospitalidade ai inserindo o turismo. Considerando-se que se tratam de áreas das ciências sociais aplicadas acredita-se ser pertinente que o pesquisador se dedique a avaliar como essa aplicação acontece em contextos culturais específicos. A ciência aplicada se orienta para a busca de soluções de problemas e precisa dedicar especial atenção para as variações que são próprias da complexidade que caracteriza as relações sociais, no caso das ciências sociais. Nesse contexto o estudo de caso destinado a avaliação do emprego de modelos a realidades específicas faz com que o pesquisador, de modo bastante freqüente, pense ter encontrado o “cisne negro” de Popper, desqualificando as teorias. O estudo de caso passa assim a ser usado como uma espécie de recurso que permite ao pesquisador avaliar a pertinência de uma dada teoria, o que não é correto, pois o êxito da aplicação de determinados princípios teóricos a uma realidade específica decorre de um diagnóstico correto da situação que antecede a aplicação da solução. Assim o erro pode não ser da teoria e sim da aplicação inadequada da teoria a uma dada realidade, o que não justifica a crítica da teoria e sim da ação empreendida. É difícil, para o pesquisador iniciante, fazer esse tipo de distinção, pois o estudo de caso dá a falsa impressão de que se têm todas as variáveis sob controle em função da profundidade da abordagem. Quando avaliamos a transposição de modelos de planejamento turístico, por exemplo, concebidos em outros contextos em que as variáveis do grupo populacional envolvido como: nível de escolaridade, situação econômica, nível geral de informação, cultura política, são diferentes daquelas do grupo a que o modelo pretende ser aplicado a conclusão de que o modelo não é adequado não contesta a teoria ou o modelo e sim o emprego de tal metodologia na situação estudada. Quando isso acontece é comum que o pesquisador se concentre na crítica sem identificar precisamente as variáveis que afetam o modelo e impedem sua aplicação. Para que a ciência avance é preciso saber não apenas que alguma coisa está errada, mas também o que está errado e por que. O registro sistemático dos pontos de atrito e de soluções encontradas em diferentes estudos de caso poderá dar base ao surgimento de novos modelos. Caso esses modelos venham a ser implementados de forma experimental e com rigoroso controle das variáveis envolvidas com a participação do pesquisador em um novo estudo de



caso, envolvendo a pesquisa participante e a pesquisa ação, é possível que a metodologia do estudo de caso seja capaz de gerar novas soluções e, portanto novos conhecimentos práticos.

O uso de estudo de caso é fundamental para o acompanhamento de determinadas dinâmicas no momento em que ocorrem, o que não pode ser feito por outras abordagens, pois não se conhecem com antecedência os elementos significativos que devem ser observados. Essa é, ao mesmo tempo, a riqueza e também a fraqueza do método, pois a falta de definição do que deve ser observado dificulta que o pesquisador atue com método.

Um dos aspectos negligenciados nos estudos de caso é a bagagem teórica do pesquisador que constitui um ponto fundamental para o uso do método. O pesquisador não pode confrontar a realidade empírica com uma teoria única, é importante que esteja munido com uma gama expressiva de explicações possíveis para que se possa atuar em campo de forma relativamente isenta. A diversidade da bagagem teórica permite ao pesquisador perceber possíveis tendências que não podem ser explicadas por uma teoria única.

Não é adequado que o pesquisador entre em campo munido de uma teoria única buscando comprovar uma hipótese. Ainda que a neutralidade total não exista é preciso evitar idéias pré-concebidas sendo recomendável a avaliação de um conjunto possível de explicações e a definição prévia de alguns dados que provavelmente são relevantes.

O estudo de caso não é uma solução fácil para reduzir o trabalho do pesquisador. Justamente a sua flexibilidade é que exige do pesquisador um rigor e uma atenção para focar os elementos realmente significativos sem se deixar levar aleatoriamente pela intuição, o que infelizmente acontece.

Não raro o aluno ingressa no mestrado com uma idéia definida do local ou problema que pretende estudar em função de alguma experiência anterior vivida em relação ao espaço escolhido. Não raro chega também com a resposta da pesquisa que ele ainda não fez. É tarefa árdua do orientador montar um quadro teórico que oriente a investigação superando essa visão inicial e mostrando outras possibilidades explicativas que contestam o que para o aluno é óbvio.

Desenvolvimento do projeto de estudo de caso – a importância do protocolo.

A flexibilidade que caracteriza o estudo de caso não significa que o pesquisador deva ir a campo sem que antes estejam definidas as estratégias que serão utilizadas na pesquisa.



A etapa mais importante é a construção do *protocolo* que deverá reunir os enfoques teóricos que poderão ser utilizados como referência explicativa das possíveis evidências que vierem a ser identificadas na pesquisa de campo.

Como foi dito anteriormente o pesquisador deverá ir a campo munido de uma bagagem teórica consistente o que implica em que a fase preparatória da pesquisa seja dedicada ao levantamento da bibliografia existente bem como a leitura de projetos de pesquisa que se assemelhem ao que se pretende desenvolver.

Essas referências devem ser organizadas em categorias ou tópicos que reúnam em um quadro sintético as referências dos autores consultados. Essa bagagem teórica confere credibilidade a pesquisa e evita que o pesquisador atue em campo de forma aleatória.

Com base no conhecimento obtido o pesquisador deverá definir um roteiro lógico que oriente a observação de campo, a coleta de dados prevendo possíveis análises e interpretações. Esse preparo que antecede a ida do pesquisador a campo deve habilitar para o estabelecimento de possíveis inferências e interpretações que possam ser aplicadas a diferentes situações. Nessa etapa o pesquisador deverá definir: o que especificamente será estudado; quais os dados que possivelmente são relevantes para o estudo; que dados e informações deverão ser coletados; como deverá ser elaborada a análise dos dados. Todas essas questões deverão estar encadeadas de forma lógica, pois é justamente essa lógica que irá ser avaliada quando for julgado o mérito da proposta.

De acordo com YIN, 1989 o projeto de pesquisa do estudo de caso deverá contemplar:

1. As questões de estudo, que são de natureza explicativa e geralmente tem por objetivo esclarecer “como” e “porque”.
2. As proposições do estudo que dizem respeito ao escopo do trabalho e que indicam quais as informações que são relevantes e que precisam ser coletadas.
3. A unidade de análise que é a identificação do caso que será estudado: um indivíduo, uma comunidade, um processo. A unidade de análise deverá estar adequada aos dois itens anteriores.
4. A forma de ligação dos dados com as proposições e a forma prevista de análise e interpretação que são estabelecidas por meio de analogias.

No caso do pesquisador possuir intenção de realizar generalizações é preciso prever a investigação e outros casos e colher informação sobre casos já investigados por outros pesquisadores. Para testar as possibilidades de generalização o investigador deverá efetuar



uma aplicação a casos nos quais se pode esperar que os limites para a generalização sejam ultrapassados. As generalizações que sobreviverem poderão então ser consideradas validas para casos similares, dando inicio a formulação de conceitos e teorias.

Considerações finais

O mérito de toda a pesquisa seja qual for a metodologia utilizada, irá depender de sua inserção no conjunto de conhecimentos existentes sobre o tema pesquisado. Isso ocorre por ser a ciência um processo coletivo, construído por vários atores, de resultado cumulativo. Sem a inserção da pesquisa em um campo teórico mais amplo o trabalho do pesquisador ficara circunscrito ao âmbito de sua pesquisa apenas, não contribuindo para construção coletiva do conhecimento e, portanto para a ciência. Talvez a crítica mais pertinente ao estudo de caso seja a tendência de se estudar de forma isolada alguma unidade sem estabelecer vínculos consistentes com o conhecimento científico existente, que se apresenta em algumas pesquisas.

Referências Bibliográficas

- ALVES- MAZZOTTI, A.J. Usos e abusos do estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v.36, p.637- 651, set/dez.2006.
- GOODE, W. J. & HATT, P. K. - *Métodos em Pesquisa Social*. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.
- POPPER, K.R. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SELLTIZ, JAHODA, DEUTSCH, COOK. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1975.
- STAKE, R.E. Case studies. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y.S. (ed) *Handboook of qualitative research*. London: Sage, 2000. p. 435-454.
- YIN, Robert K. - *Case Study Research - Design and Methods*. Sage Publications Inc., USA, 1989.